

Economia e disciplinas afins

Economia e literatura: uma antologia de 2

Gustavo H. B. Franco

Roteiro (dois olhares sobre o Grande Enriquecimento)

1. Introdução: aproximações
2. Determinismo & historicismo - Shakespeare e Keynes, TIMON
3. Alegoria – Goethe e o FAUSTO 2
4. História: literatura como evidência, Faoro, MDA, Crônica
5. Interdisciplinaridade e automedicação: Pessoa, Atwood, Pound (Jefferson vs Hamilton)



MAPA do MUNDO da ESCRITA



Linha do tempo (para a palavra impressa)

- 1 – c. 2100 a.C. - Primeira histórias Gilgamesh (escrita cuneiforme)
- 2 – c. 1000 a.C. – fontes mais antigas da Bíblia hebraica
- 3 – c. 800 a.C. – Histórias homéricas da Guerra de Troia em alfabeto grego
- 4 – c. 458 a.C. – Esdras declara sagrados escritos hebraicos.
- 5 – Século V a.C. – Buda, Sócrates Confúcio vivem e ensinam
- 6 – c. 290 a.C. – Construção da biblioteca de Alexandria (destruída em parte 48 a. C.)
- 7 – c. 200 a.C. – invenção do papel (China)
- 8– 868 - Sutra do Diamante a mais antiga obra impressa existente
- 9 – 879 – Mais antigo fragmento de papel da 101 Noites.
- 10 – c. 1000 – Sra. Murasaki escreve o romance de Genji, primeiro romance
- 11 – Década de 1440 Gutemberg reinventa a imprensa
- 12 – Década de 1550 Popol Vuh escrito em alfabeto latino
- 13–1605 – Cervantes, Dom Quixote (2ª. parte em 1614)
- 14 – Ben Franklin assina a Declaração da Independência (EUA)
- 15 – 1827 - Goethe anuncia a “era da literatura universal”
- 16 – 1848 Manifesto Comunista

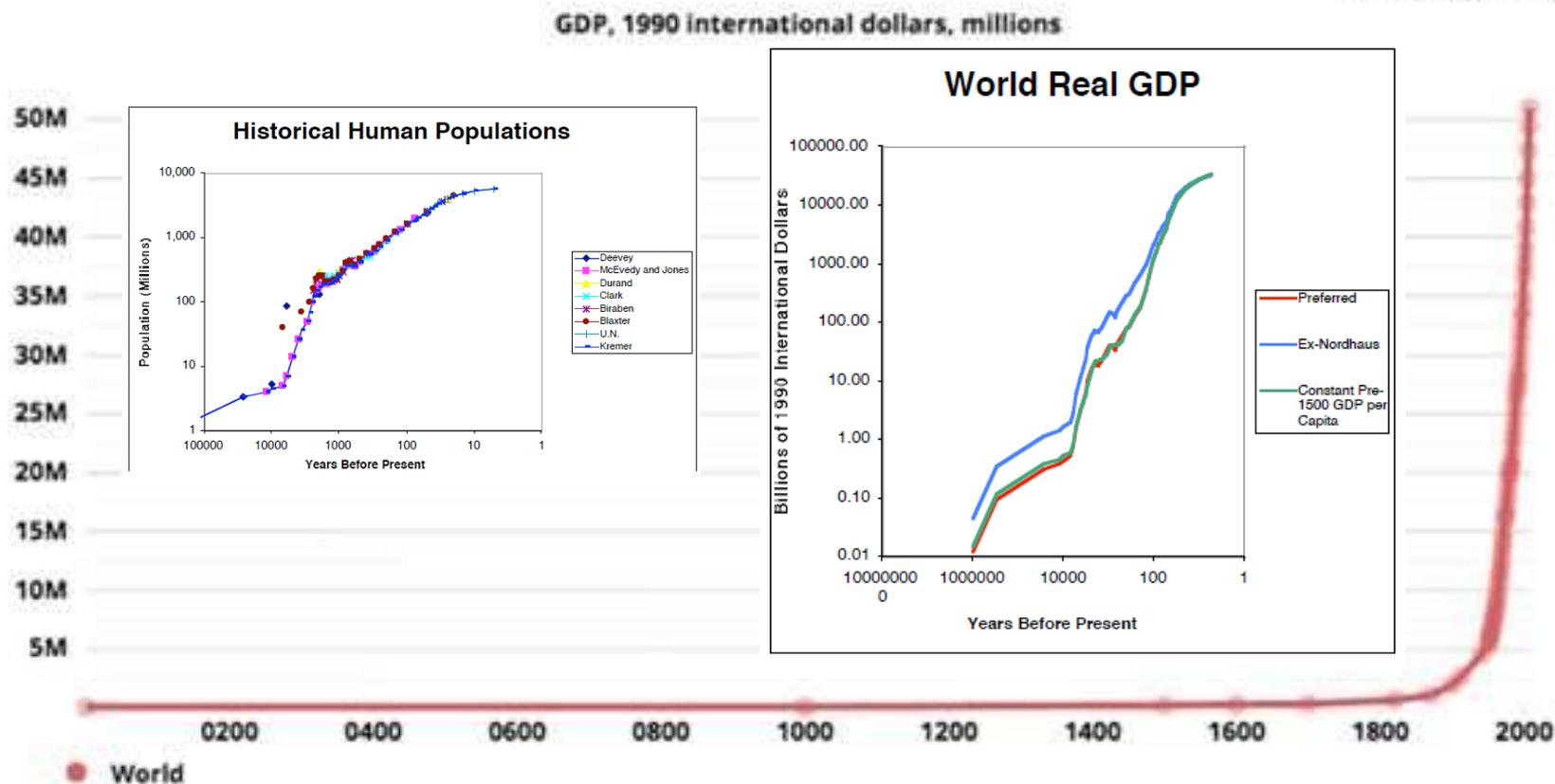


Linha do tempo para a economia: o PIB desde o início; *The Great Enrichment*

Ciometria e “quanto é muito?": o PIB

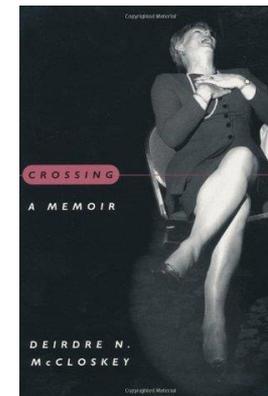
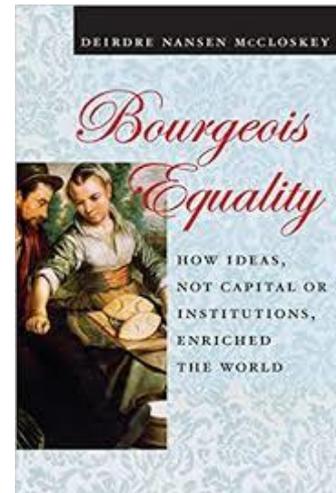
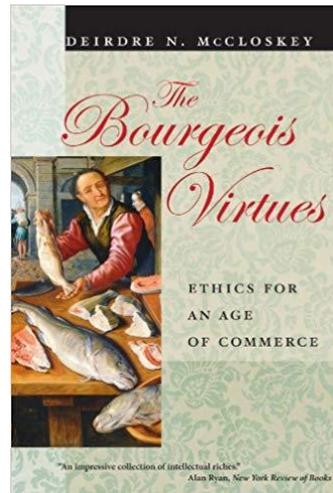
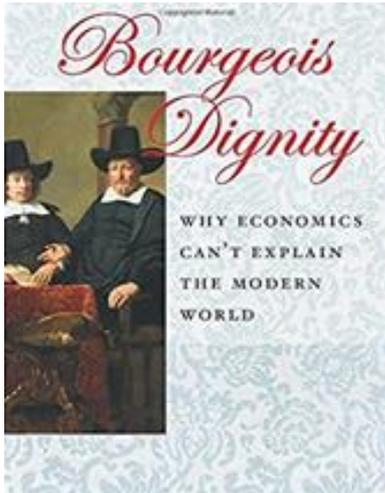
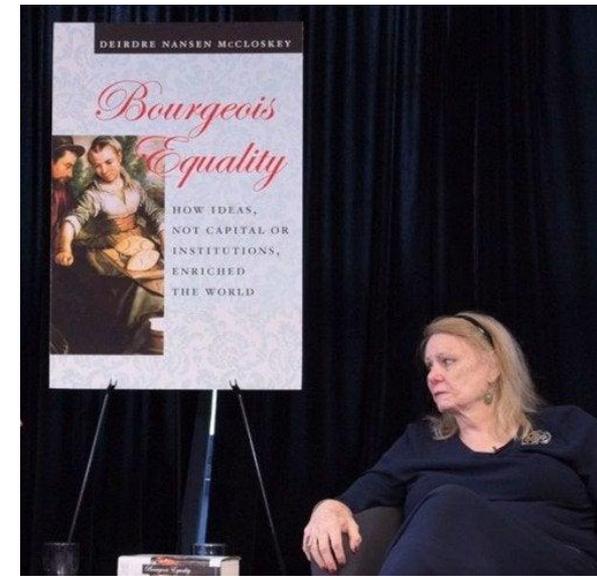
Revolução industrial deixa de ser importante, o desenvolvimento

HumanProgress.org



Angus Maddison “The World economy: a millennial perspective” Paris: OECD. D. N. McCloskey “The Great Enrichment: a Humanistic and Social Scientific Account” (forthcoming: *Scandinavian Economic History Review*, spring 2016); J. Bradford De Long “Estimates of World GDP: from one Million BC - Present”; Michael Kremer “Population Growth and Technological Change: One Million B.C. to 1990” *The Quarterly Journal of Economic* Vol. 108, No. 3 (Aug., 1993), pp. 681-716

**Deirdre McCloskey; virtudes burguesas
 Cliometria e interdisciplinaridade
 Foi a cultura? Os valores?
 A economia teria se tornado o grande tema?**

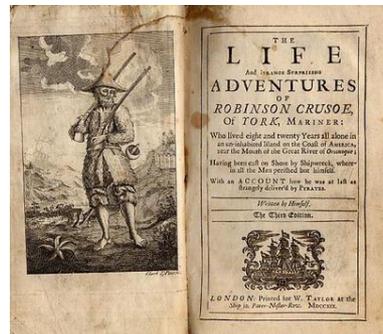


O Homo economicus: a criatura do *Great Enrichment*

FRIEDERICH ENGELS, em carta endereçada à escritora socialista inglesa Margaret Harkness. Escrita em 1888: “**Balzac** agrupou uma história completa da sociedade francesa na qual, ... aprendi mais do que de todos os historiadores professos, economistas e estatísticos do período juntos.”

THOMAS PIKETTY: “**Austen, Balzac** e outros escritores da época desnudaram os meandros da desigualdade com um poder evocativo e uma verossimilhança que nenhuma análise teórica ou estatística seria capaz de alcançar” (p. 10)

Homo economicus: Defoe’s **Robinson Crusoe** (1720) Edgeworth (1881) “econs”



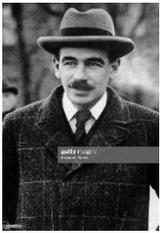
BUSINESS

The Economics of Jane Austen

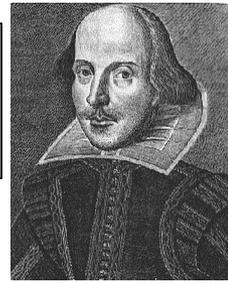
In her fiction, the 18th-century novelist wrestled with the same question that preoccupied Adam Smith: Does the pursuit of wealth diminish a person's moral integrity?

SHANNON CHAMBERLAIN AUGUST 3, 2014

The Atlantic



Keynes sobre Shakespeare: Produto de uma época próspera? John Maynard Keynes “Treatise on Money” (1930)



[depois da chegada indireta do ouro das Américas ...“Estávamos exatamente em condições financeiras de sustentar (*afford*) Shakespeare.

Eu ofereço como tese para o exame daqueles que gostam de generalizações brutais a ideia segundo a qual de longe a maior proporção dos maiores escritores e artistas desse mundo floresceram numa atmosfera de prosperidade, entusiasmo e liberdade diante de necessidades econômicas ...”

Bárbara Heliodora (em resposta):

“Se o indivíduo fosse única e exclusivamente produto do meio naturalmente a época elisabetana teria fornecido à humanidade não um, mas dúzias de William Shakespeare, o que infelizmente não é verdade.”

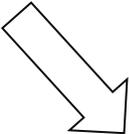


Shakespeare e o alvorecer do capitalismo

Renascença: imaginário, economia

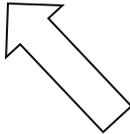
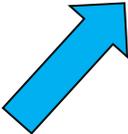


Mercado

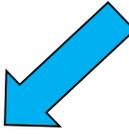


Moeda

Teatro



Idioma



Shakespeare e o alvorecer do capitalismo

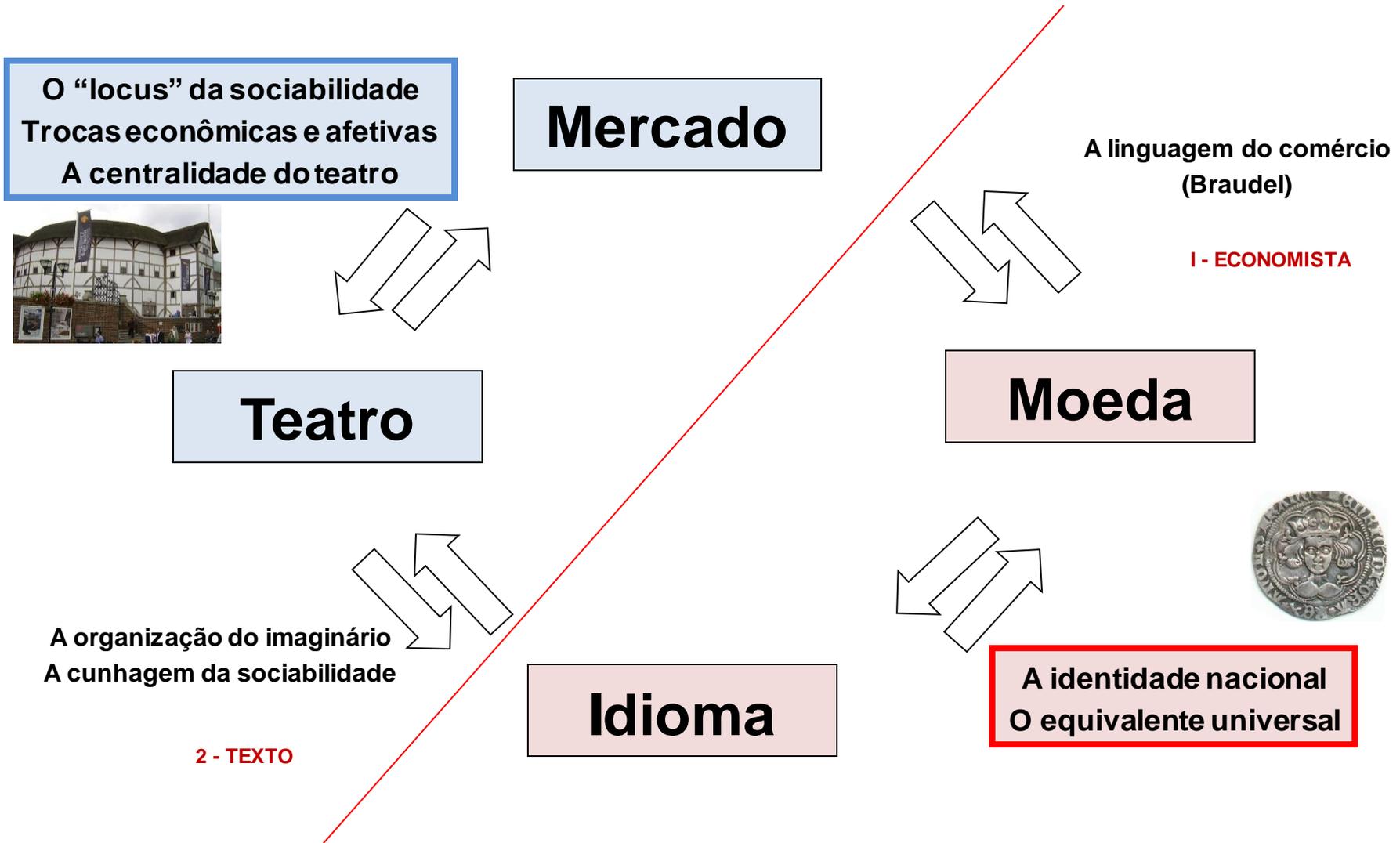
Logo antes do *Great Enrichment*

Mercado e a nova subjetividade, lugar e conceito, a síntese
O dinheiro é a linguagem do comércio (BRAUDEL)

Esse foi o momento em que o **mercado** ganhou preponderância e se tornou central para a sensibilidade da época. Esse foi o período de transformação que facilitou e também estimulou a articulação e o questionamento, através do teatro, das preocupações, tensões, aspirações, valores e alcance do imaginário da sociedade. **A linguagem, a mais significativa moeda da época, estava sendo cunhada dentro do teatro.**

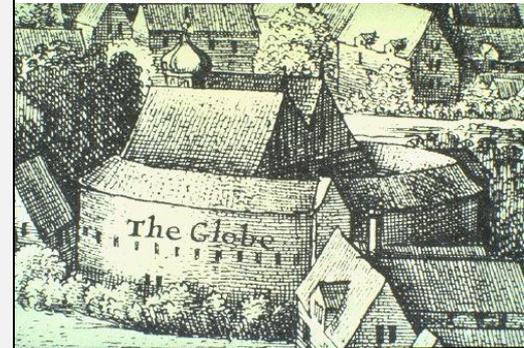
[Vivian Thomas "Shakespeare's Political and Economic Language: a Dictionary"]

Shakespeare e o alvorecer do capitalismo: Uma mesma narrativa sobre a Renascença



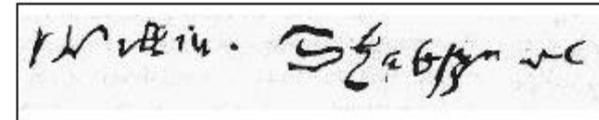
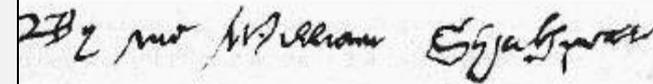
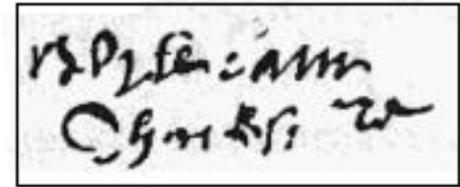
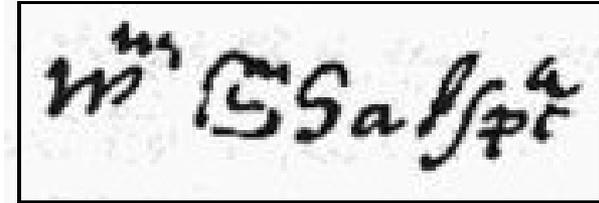
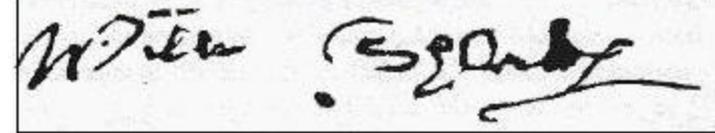
A centralidade do TEATRO em Londres

- Londres tinha cerca de 250 mil habs em 1600. O país tinha 4,8 M. O Globe tinha 3 mil lugares (uma vez e meia toda a população de Stratford!) e funcionava 5 dias por semana, alternando com o Blackfriars que tinha capacidade para 800.
- Globe cheio representava 2% da cidade: como 183k no Maracanã em 1969.
- Londres tinha cerca de uma dúzia de teatros de tamanho comparável. Não havia outra diversão, exceto “*bear baiting*”, corais de meninos e bordeis. Algo entre 15% e 20% da população da cidade, ia ao teatro em um único fim de semana. 50 milhões de pessoas foram ao teatro entre 1560 e 1642 !



Palavras e moedas

A linguagem do comércio



Em 342 aparições por escrito de seu nome em manuscritos da época, possam ser encontradas exatas 25 variantes diferentes de grafá-lo: Shackspeare, Shagspere, Shaxberd, Shekspere, entre outras .

* Em 1605, na Biblioteca de Oxford, que não incluía peças de teatro, havia apenas 36 livros em inglês entre cerca de 6.000 volumes.

* O primeiro dicionário da língua inglesa foi publicado em 1604, mas talvez fosse só um primeiro esboço, pois contava apenas 2.521 verbetes. Shakespeare usou entre 20 a 30 mil palavras diferentes e *inventou* cerca de 1.700.



Shakespeare empresário

O exemplo de ADMIRAL'S MEN

Diário de Phillip Henslowe

* 1599-7: Admiral's Men fizeram 220 apresentações por ano, 63 peças diferentes, 44 eram novas, introduzidas, na média, uma a cada três semanas. Pagava 6 libras por peça, em geral

* A mais popular foi encenada 30 vezes; a seguinte (*Fausto*, de Marlowe) 24 vezes. Peças bem-sucedidas entre 15 e 20 vezes. Fracassos: 5 peças foram encenadas apenas uma vez, e 3 apenas duas vezes.

- WS produzia 2 ou 3 peças novas por ano.
- Das 3.000 peças escritas de 1580 até 1642, 80% são conhecidas apenas pelo título, e somente 230 sobreviveram, aí incluídas as 38 de WS

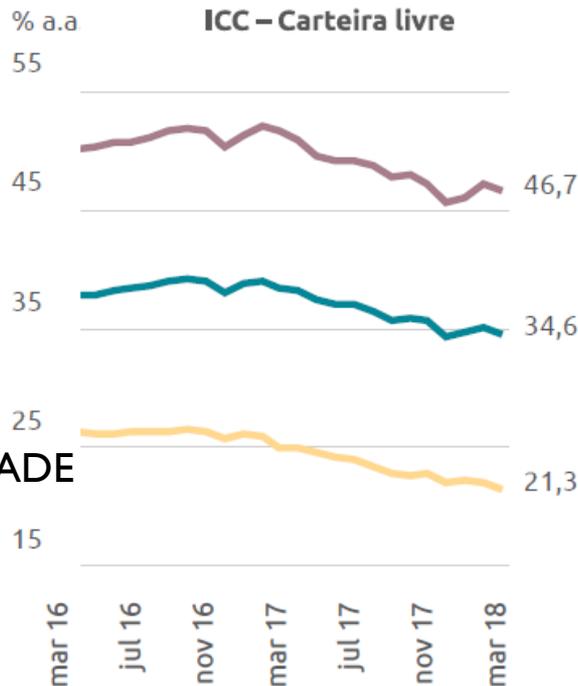


Exemplo 1. O Mercador de Veneza em sala de aula

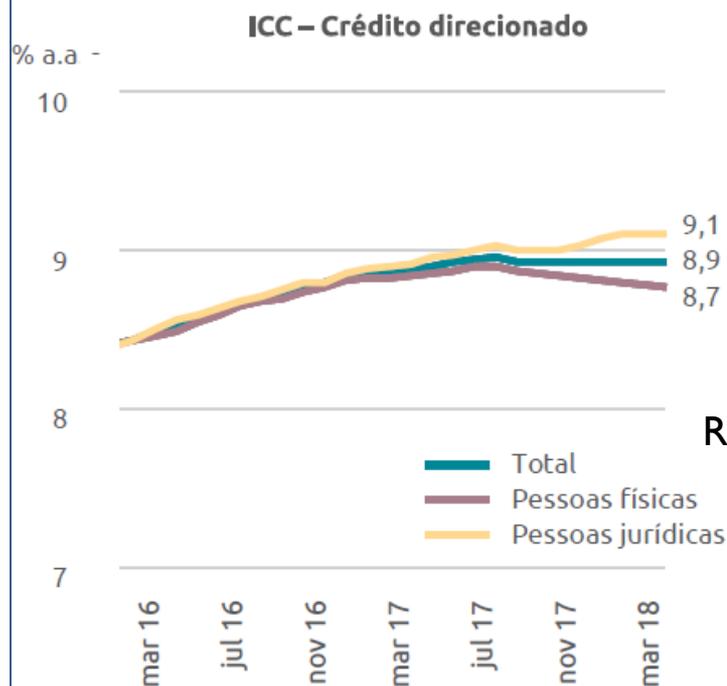
O crédito direcionado, campeões nacionais, a esfera do favor de novo

Meia entrada. Metade do crédito total da economia (26% do PIB) é subsidiado e direcionado, e custa 8,9% aa. Para a outra metade, custa 34,6% aa.

A casa e a rua. O espaço do favor/afeto se contrapõe à impessoalidade do mercado



RUA
RIALTO
MERCADO
IMPESSOALIDADE
CONTRATO
IGUALDADE
JUDEU

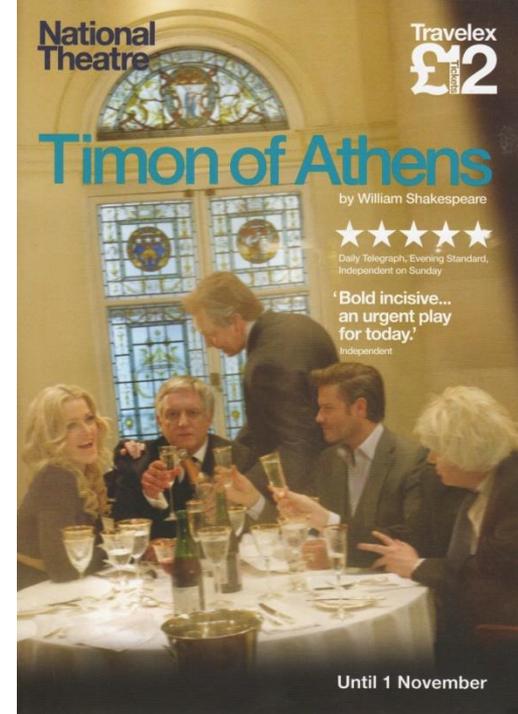


CASA
BELMONTE
CAMPEÕES
RECIPROCIDADE
FAVOR
AFETO
CRISTÃO

Exemplo 2. Timon de Atenas

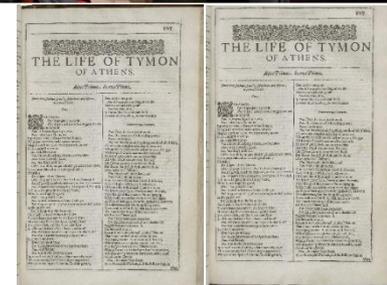
A peça mais própria para 2008

- Adaptação de Ben Power e Nicholas Hytner para o National Theatre, 2012, uma produção que correu o mundo, e foi encenada no Brasil (Teatro Maison de France, 2016) adap Susan Mace, Izabel Reis Velozo, do texto de BH.
- Ricaço ultraextravagante gasta toda sua fortuna atendendo pedidos de amigos (fornecedores). Fica endividado, perseguido por credores, se isola na floresta, hostiliza credores. Depois, na periferia, encontra ouro, ajuda Alcebíades (rebelde), que toma a cidade, mas se entende (se corrompe) com senadores. Timon se mata.
- Enredo de tensões “sociais”, não típico, não há família (só criados, destaque para Flavia), e um amigo filósofo APEMANTUS (como um bobo). Personagens PJ (fornecedores), POETA, PINTOR, JOALHEIRO, ATOR, Senadores, Rebeldes, mob. NÃO HÁ VILÃO.



Timon of Athens: the power of money

Set in modern Mayfair and Canary Wharf, with the ruling class in disarray, the National Theatre's new production finds some very up-to-date echoes



Timon de Atenas

A peça “econômica” de WS

- Timon é a velha ordem; vive além de seus meios, não faz conta, não ouve quem conta, suas terras ultrapassam o horizonte, se diz rico em seus amigos (como Alcebiades se dizia rico em suas feridas); terra improdutiva (sem *enclosures*) ilíquida: daí a ideia de falir por “falta de liquidez”, ativos imobiliários ruins
- Nunca “compra”, sempre DOA (sem contrapartida), paga desproporcionalmente alto, imprevidente, imprudente pois é sempre um presente que gera um “crédito”, uma “reciprocidade”, nunca uma compra. Comércio = Usura.

TIMON DE ATENAS

Em versão moderna de Nicholas Hytner e Ben Power para o National Theatre de Londres em 2012
Traduzido por Barbara Heliodora. Estreia nacional dia 9 de outubro 2014 no Teatro Maison de France, Rio de Janeiro.



VERA HOLTZ, TONICO PEREIRA e ALICE BORGES em
TIMON DE ATENAS
Direção BRUCE GOMLEVSKY William Shakespeare

Hoje! 18h no Teatro Maison de France PSA Peugeot Citroën

Um Shakespeare moderno, ágil e de impacto com 26 atores em cena!



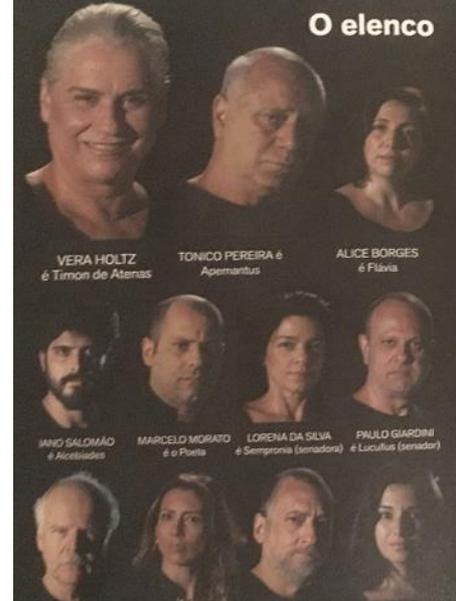
Timon de Atenas

A peça “econômica” de WS
Vista por MARX (1844)

Shax ressalta particularmente duas propriedades do dinheiro, conforme reveladas por Timon:

- (1) ele é a divindade visível, a transformação de todas as qualidades humanas e naturais em seus antônimos, a confusão e inversão universal das coisas; ele converte a incompatibilidade em fraternidade;
- (2) ele é a **meretriz universal, o cafetão universal entre homens/homens e nações.**

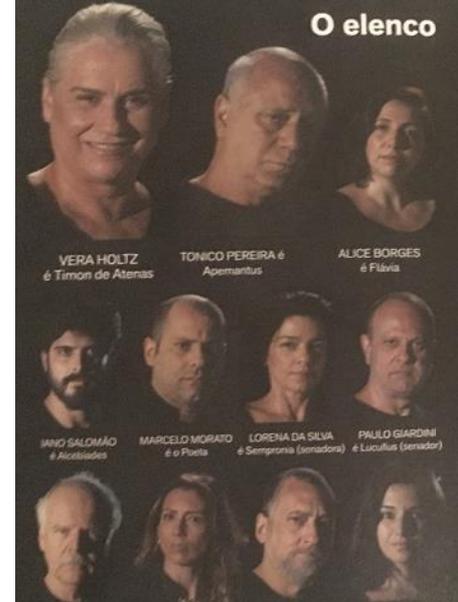
O poder de inverter e confundir todos os atributos humanos e naturais, de levar os incompatíveis a confraternizarem, o poder divino do dinheiro reside em seu caráter como a vida espécie alienada e auto-alienadora do homem. Ele é a força alienada da humanidade.



Timon de Atenas

Timon encontra ouro na 2ª parte

Um pouco disto
Faz do preto, branco; do errado, certo;
Nobre, o vil; moço, o velho; bravo, o fraco
Ah, deuses, por que isto?
Pois se isto
De si afasta servo e sacerdote,
Mata o homem sério, tira-lhe o sono?
Este **crápula amarelo**
Ergue e mata a fé.
Ao vil dá bênção,
Faz dos ladrões nobres notáveis
Reverenciados, qual senadores.
Isto aqui
É o que recasa a viúva encarquilhada.
E os velhos fétidos, doentes,
Vistos com nojo, o ouro perfuma
Qual brisa de abril



Timon de Atenas

Marx, WS e Goethe de acordo

Marx cita o Fausto 2

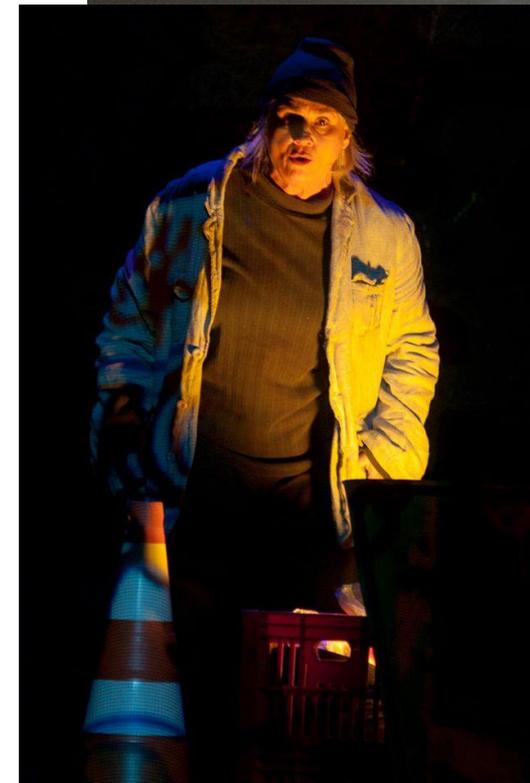
Sou *feio*, mas posso comprar a *mais bela mulher* para mim. Conseqüentemente, não sou *feio*, pois o efeito da feiúra, é anulado pelo dinheiro.

Sou *coxo*, mas o dinheiro proporciona-me vinte e quatro pernas; logo, não sou coxo.

Sou um homem detestável, sem princípios, sem escrúpulos e estúpido, mas **o dinheiro ... poupa-me do trabalho de ser desonesto**; por conseguinte, sou presumivelmente honesto. Sou *estúpido*, mas como o dinheiro é o *verdadeiro cérebro* de tudo, como poderá seu possuidor ser estúpido? Eu, que posso ter, mediante o poder do dinheiro, tudo que o coração humano deseja, não possuo então todas as habilidades humanas?

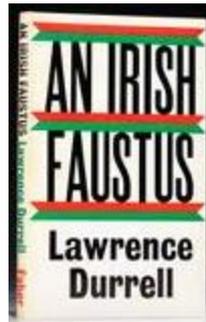
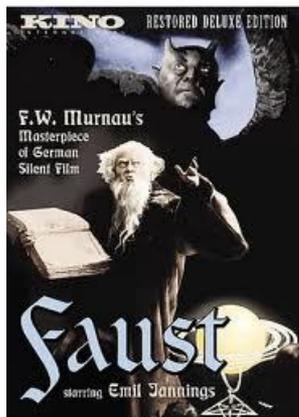
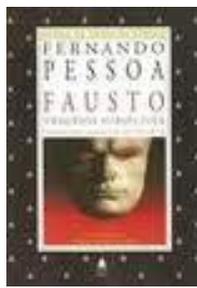
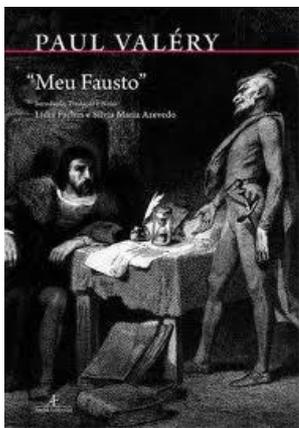
Não transforma meu dinheiro, então, todas as minhas incapacidades em seus contrários?

(F2,A1 cena 4)



Fausto

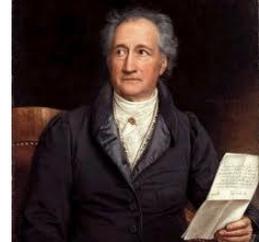
Centenas de versões



Fausto de Goethe, imenso, “a **Ilíada da vida moderna**” ... 23 horas para encenar na íntegra.* Divina comédia /Carpeaux

A pátria de Fausto sempre foi a Alemanha, onde *Fausto* é uma espécie de “Bíblia secular”.

Já haviam se passado cerca de 170 anos desde que Marlowe celebrizara o Fausto, os tempos eram outros: Adam Smith estava prestes a publicar *A riqueza das nações*, “todos os elementos da revolução burguesa estavam no ar” (Georg Lukács) e a lenda de Fausto era assunto típico do teatro de marionetes.



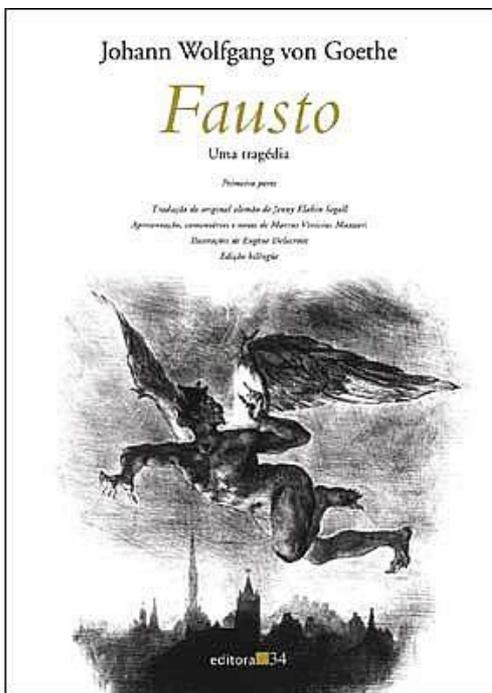
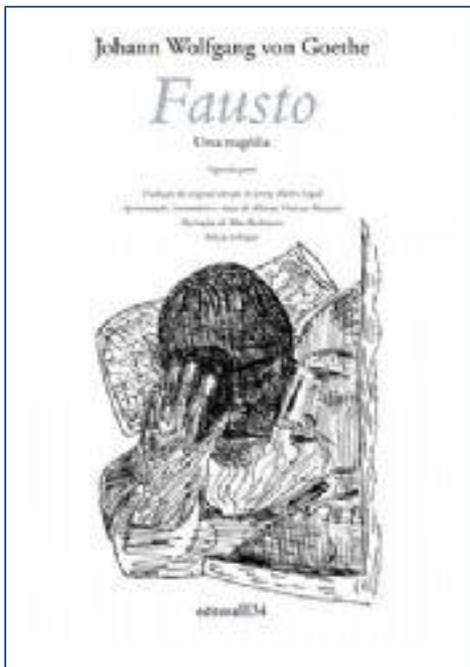
Fausto de Goethe

A Ilíada da Vida Moderna

Pouca gente sabe da existência de uma segunda parte da tragédia, publicada em 1833, após a morte de Goethe (1749-1832), e que leva o drama do erudito para o contexto social & econômico.

Fausto e Mefisto são economistas & empresários

Nesses novos termos a **salvação** de Fausto estaria praticamente garantida na partida. Estava aí o desafio ... O público iluminista queria um herói *gauche*, e aplaudia Mefisto ... **Não se condenava mais a curiosidade e a realização.**

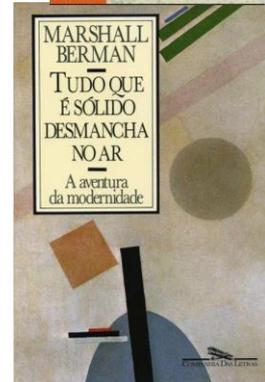
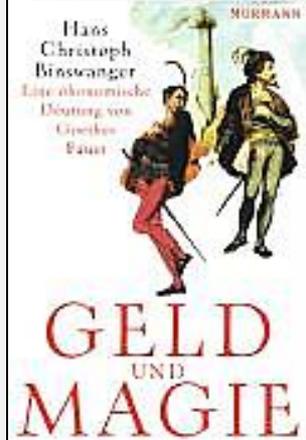
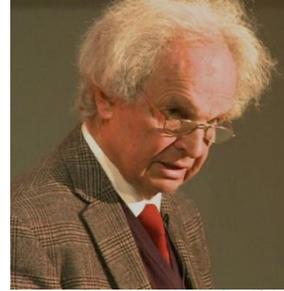


Fausto de Goethe – Parte 2 - econômica

O PACTO FÁUSTICO dos REIS, Alquimia por outros meios

Soberanos ainda se cercavam de astrólogos e alquimistas para ajudá-los em algumas matérias de Estado. O drama de Fausto 2 se localiza exatamente no momento no qual se percebe que, mais fácil que transformar chumbo em ouro lançando mão de encantamentos, era utilizar economistas.

Marshall Berman: “uma das ideias mais originais de Goethe diz respeito à afinidade entre o ideal cultural do autodesenvolvimento e o efetivo movimento social na direção do desenvolvimento econômico.” Em ambas, “o desenvolvimento que [Fausto] inicia – intelectual, moral, econômico, social – representa um altíssimo custo para o ser humano. Este é o sentido da relação de Fausto com o diabo: **O Fausto de Goethe é a primeira e a melhor tragédia do desenvolvimento.**”



Fausto 2 – Ato 1 – o plano econômico

Mefisto faz-se passar pelo bobo, participa dos debates sobre a crise financeira do reino, e fala pela boca do astrólogo propondo um plano econômico mirabolante baseado na emissão e papel moeda lastreada nos tesouros escondidos pelo reino, enfrentando a descrença geral. O astrólogo usa a linguagem da alquimia para explicar a lógica do plano.





Fausto 2 – Ato 1 – no dia seguinte

A crise acabou! O chanceler lê os dizeres no papel moeda para o imperador:

O CHANCELER (*aproxima-se lentamente*):

(*Lê.*) “Saiba o país para os devidos fins

Este bilhete vale mil florins.

Garante a sua soma real o vulto

Do tesouro imperial no solo oculto.

Dele se extrai logo a riqueza imensa

Com que o valor do papel se compensa.”

* Imperador, depois, quis Helena, cena da Câmara Mágica



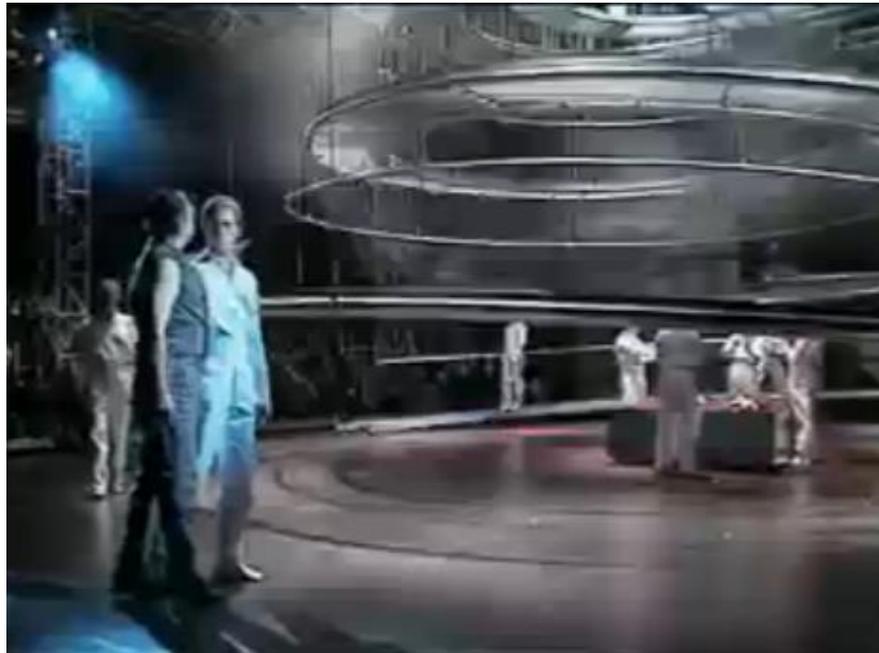
Ato 5 – região aberta

O desenvolvimento a qualquer preço



É onde se passará o derradeiro ato do drama, a tragédia do colonizador. Um Fausto já envelhecido se vê consumido em extensas obras de construção de canais, e de “criação de terras” subtraídas ao oceano. Fausto e Mefisto organizam um porto, uma frota e um comércio; a “região aberta” é o lócus da trindade “guerra, comércio e pirataria”, portanto, um polo de desenvolvimento econômico. Filêmon e Baucis são 2 velhinhos que serão atropelados pelo progresso: Mefisto, tal como grileiro cercado de capangas, se encarrega de liquidá-los.

A salvação de Fausto: os anjos o resgatam, Mefisto atordoado, a beata Gretchen



Mefisto é o dinheiro

O acelerador da experiência

Mefisto pouco tem de diabólico ou de mágico no Fausto 2. Parece mais um facilitador. Torna-se o mediador ideal entre as esferas do simbólico e do real, perfeito no papel de inventor do papel moeda, pois, ele próprio, é a encarnação dos meios, o personagem “que funciona como moeda simbólica, o dinheiro que tem a capacidade de satisfazer todas as necessidades em abstrato”. Ao mesmo tempo é o Diabo, uma Fraude, um Corretor/Cafetão mas funciona, às vezes.



Desenvolvimento através da inflação É o nosso pacto fáustico

O F2 não postula a inevitabilidade da catástrofe, talvez pelo contrário, parece claro que a tragédia do progresso *não está em que ele não se realiza*: a tragédia se organiza *através do seu êxito*, do alastramento do ideal (pactos) fáustico-alquêmico por todo o planeta.

“Brasília, erigida num esforço titânico em pouquíssimo tempo ... poderia ter sido construída por Fausto, uma vez que não está distante de seu ideal desenvolvimentista, não seria estranha ao seu projeto colonizatório.” (Michael Jaeger)



nosso pacto fáustico em torno da inflação

O público e o privado

Marshall Berman, emprega o termo “modelo fáustico de desenvolvimento” para designar “uma nova síntese histórica entre poder público e poder privado, simbolizada na união de Mefistófeles, o pirata e predador privado, que executa a maior parte do trabalho sujo, e Fausto, o administrador público, que concebe e dirige o trabalho como um todo”. (ou vice versa!)

Alquimia não foi abandonada pelo avanço da ciência química, mas pela descoberta da economia, cujos resultados são melhores*.



Economia e literatura: onde elas se encontram



Alquimia é portanto uma tentativa do homem para escapar do tempo enquanto ainda está nele — seu esforço para se libertar da transitoriedade enquanto está nesta vida, a possibilidade de triunfar sobre o tempo; é uma busca do absoluto. Por meio dessa procura, o homem (o alquimista) tenta completar “o que foi criado antes dele, mas deixado incompleto pela natureza”.

Hans Binswanger (“Dinheiro e Magia”)